

SOBRE OS LIMITES DIDÁTICOS DOS FALSOS AMIGOS ESPANHOL-PORTUGUÊS

ABOUT DIDACTIC BOUNDARIES OF SPANISH-PORTUGUESE FALSE FRIENDS

Xurxo Fernández Carballido*
xurxo.fernandez@usc.es

Os denominados falsos amigos são uma questão muito tratada nos trabalhos sobre a relação entre a língua portuguesa e a língua espanhola. As possíveis aproximações variam segundo os interesses de cada uma das abordagens: a lexicografia, a lexicologia, a semântica, a tradutologia ou o ensino de línguas estrangeiras. Este artigo quer ser mais um contributo, porém, não tem como objetivo compilar ou classificar falsos amigos, mas tentar estabelecer alguns limites ao uso didático do falsoamiguismo.

Palavras-chave: Falsos amigos espanhol-português. Ensino e aprendizagem de PLE para falantes de espanhol. Léxico. Tradução.

The so-called false friends are a very frequent question in the works on the relationship between Portuguese and Spanish language. The possible approaches change according to the interests and the focus: lexicography, lexicography, semantics, traductology or foreign languages teaching. This article aims to be a contribution but it does not want to compile or classify false friends, but to establish some limits on the educational use of false friends.

Keywords: Spanish-Portuguese false friends. PFL teaching and learning for Spanish speakers. Vocabulary. Translation.

* Centro de Línguas Modernas – Universidade de Santiago de Compostela, Espanha.



1. Introdução

Se tivéssemos que assinalar um tema que levante especial interesse no âmbito dos estudos do português como língua estrangeira para falantes de espanhol (PLE-FE), quase todas as pessoas, especialistas ou não, citariam os falsos amigos. Mesmo o grande músico baiano Caetano Veloso, na sua conhecida canção “*Soy loco por ti, América*”, não reparou que o uso de *ser* e *estar* variam, às vezes, entre as duas línguas.

Contudo, nos últimos tempos este tema tem ganhado ainda maior presença, pois a expansão da língua portuguesa como língua estrangeira (PLE) está muito ligada a dois processos de convergência internacional: a União Europeia e o Mercosul. Os dois fenómenos geopolíticos, mesmo em contextos muito diferentes, têm características linguísticas similares: potenciam a relação de comunidades linguísticas muito próximas, português e espanhol.

Por outro lado, internacionalmente, o português beneficia da expansão do espanhol¹, pois a proximidade linguística facilita o conhecimento dos dois idiomas, o que é muito aliciante para os potenciais estudantes de ambas as línguas. A este respeito, são significativas obras como as do ex-Ministro dos Negócios Estrangeiros, Rui Chancelte de Machete (Machete & Vicente 2010) ou que a ex-Presidente do Instituto Camões, Ana Paula Laborinho, e à data Diretora em Portugal da Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, Ciência e Cultura, conferencie sobre *O português e o espanhol como línguas de comunicação global*.²

Neste contexto glotopolítico de maior procura da *língua portuguesa por falantes de espanhol* e por falantes de outras línguas que já têm conhecimentos de espanhol, devemos enquadrar o interesse dos denominados falsos amigos nas diferentes áreas da linguística geral. Na área do ensino e aprendizagem de PLE, sobretudo sob a perspectiva da transferência e fossilização (Alonso Rey 2017). No âmbito da tradutologia a questão é muito

1 Cf. https://cvc.cervantes.es/lengua/espanol_lengua_viva/pdf/espanol_lengua_viva_2018.pdf

2 A conferência teve lugar em Braga no dia 8 de fevereiro de 2018, dentro do programa de comemoração do aniversário do Centro de Línguas babeliUM do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.

abordada.³ Também no âmbito dos estudos de lexicologia e lexicografia são vários os glossários, vocabulários e dicionários que se centram na temática dos falsos amigos (Bechara & Moure 2002; Bugueño Miranda 2014; Carita 1999; Ferreira Montero 2011; Marrone 2005).

Uma perspectiva alargada do conceito falsos amigos, para além da relação palavra-palavra, é analisada em trabalhos onde se analisa a fraseologia (García Benito 2000; 2006), as estruturas verbais, por exemplo, o pretérito perfeito simples e composto nas duas línguas (Ceolin 2003), ou uma proposta taxonómica para a tradução entre estas duas línguas afins (Carlucci & Díaz Ferrero 2007).

Como é possível comprovar, qualquer aspecto sob uma apresentação contrastiva pode ser considerado um falso amigo. Quer dizer, seria possível interpretar que o melhor e mais completo dicionário Espanhol-Português publicado até à data (Iriarte Sanromán 2008) é um dicionário de falsos amigos. Aliás, este dicionário em concreto veio resolver muitos dos problemas que tinham sido assinalados à volta da proximidade das duas línguas:

Outra questão importante, que comprovei, diz respeito a algum do material básico a utilizar. Nomeadamente os dicionários bilingues que pude consultar, pareceram-me instrumentos bastante desajustados às necessidades actuais. Quase sempre partem duma perspectiva predominantemente diacrónica e registam, sem qualquer anotação, acepções tão fora do uso corrente que, seguramente, poderão induzir em erro os menos experientes, até porque apresentam como equivalentes termos de diferente eixo semântico (Carita 1998, p. 32).

Para melhorar estas carências Iriarte Sanromán (2008, p. VI) introduz no dicionário por ele coordenado:

Tanto o equivalente na língua de chegada como a unidade lexicográfica da língua de partida que está a traduzir podem ser unidades monoverbais ou pluriverbais, sejam elas combinações restritas de lexemas (frases feitas ou combinações cristalizadas, como *estirar la pata*, *sordo como una tapia* ou *leche entera*) ou mesmo, no caso de não existir um equivalente lexicalizado correspondente à unidade lexicográfica da outra língua, combinações livres de lexemas, como *caja de cervezas* (grade de cervejas). A questão da *combinatória lexical [...] é crucial para a descrição lexicográfica de duas línguas tão próximas como são o português e o espanhol*.

3 Por exemplo, no Boletim da Língua Portuguesa nas Instituições Europeias, *A Folha*, a questão dos falsos amigos espanhol-português é presente em quase todos os números.

Assim, para além do lema de palavras simples, este dicionário também inventaria, unidades lexicais pluriverbais, pragmatemas, provérbios, nomes próprios, gentílicos, palavras-marca, formas de flexão lexicalizadas, formas truncadas e símbolos. Todo este material lexicográfico, junto com a transcrição fonética, as definições, a informação gramatical, a informação enciclopédica ou terminológica, a informação pragmático-contextual, a informação sintagmática, e os exemplos, faz deste dicionário uma ferramenta imperdível para a formação dos docentes de PLE-FE e das suas adaptações didáticas para o trabalho com os estudantes.⁴

Também nas publicações no âmbito dos manuais didáticos existem obras com diferentes abordagens sobre os falsos amigos (Arregui Galán & Lourenço da Silva 2012; Briones García 2006; Dias 2010; 2012; Díaz Ferrero 2013; Reis 2015), mas interligadas pelo método comparatístico e tradutológico:

As similitudes linguísticas entre espanhol e o português facilitam a aprendizagem destas línguas e permitem satisfazer as necessidades comunicativas básicas do estudante num certo espaço de tempo. Este dado é uma vantagem inegável, mas pode, simultaneamente, gerar uma falsa crença de domínio linguístico e favorecer a fossilização de uma *interlíngua*. Além disso, a proximidade linguística entre as línguas portuguesa e espanhola pode levar a interpretar como uma similaridade aquilo que não o é, assim como originar diversas interferências e erros de tradução (Díaz Ferrero 2013, p. 9).

E o mesmo se pode conferir a partir da perspectiva do espanhol para falantes de língua portuguesa, com independência do padrão que sirva como referência, português ou brasileiro.

En el uso de una lengua extranjera, sea en la producción, sea en la comprensión, las semejanzas que encontramos entre esa lengua y la nuestra suelen representar una facilidad en el proceso de comunicación. Es ese el hecho que hace que brasileños – más – y hablantes de español – menos – se sientan en general tan confiados para interaccionar, sea en español, sea en portugués, sea, en fin, en... “portunhol”, cuyo uso no siempre es asumido o reconocido por quien lo practica (Bechara & Moure 2002, p. 6).

Repare-se que nesta citação dos autores brasileiros Suely Bechara e Walter Gustavo Moure, os falantes brasileiros são identificados como mais propensos a falar em espanhol ou essa forma linguística indeterminada

4 Curiosamente, este dicionário não regista a entrada *falso amigo*.

popularmente conhecida como portunhol. O mesmo se poderia afirmar na relação portugueses-espanhóis, onde se reflete um maior conhecimento dos portugueses da língua espanhola do que dos espanhóis da língua portuguesa.

2. Existem limites para os falsos amigos?

Poucas vezes se documenta o facto de um termo do âmbito das ciências da linguagem – como é o caso de *falso amigo* – tenha atingido tão grande sucesso, quer entre especialistas, quer entre o público em geral. Porém, qualquer conceito abrangente pode acabar por morrer de êxito, ao deixar de ser útil por impreciso. Precisar-se-á então de novas delimitações e de novos termos que especifiquem a sua natureza abrangente para poder explicar melhor novas realidades. Pode ser o caso do tão badalado conceito *falso amigo*?

Tendo como referência o trabalho da professora Sofia Oliveira Dias (2014, pp. 129-157), é possível reparar que a presença de trabalhos sobre os falsos amigos é muito numerosa e o seu número não para de aumentar:

Tabela 1. Trabalhos sobre os falsos amigos

1990-1995	1996-2000	2001-2005	2006-2010	2011-2015
8	11	15	16	25

Uma possível explicação para este crescimento pode ser o aumento da procura de português / espanhol pelos respectivos falantes do par contrário, como foi explicado na introdução. A este respeito, pelo título dos trabalhos e pelo currículo dos autores, é fácil concluir que existe uma relação direta entre a reflexão teórica sobre os falsos amigos, a docência e o processo de ensino, aprendizagem e avaliação de PLE-FE.

Muito mais confusa é a tipologia dos falsos amigos. Ou seja, como os diferentes especialistas apresentam as classificações debaixo do guarda-chuva *falso amigo*. Uma leitura atenta constata diferenças importantes na interpretação e divisão dos falsos amigos, mas, em qualquer caso, para o docente em sala de aula apresentar toda esta panóplia tipológica é, no mínimo, complexo e sem muita utilidade didática para os formandos. Os

trabalhos até à data publicados centram-se nos seguintes grupos: semântica; ortografia; fonética; morfologia; sintaxe; pragmática; fraseologia.⁵

Também não é de interesse a origem do termo falso amigo⁶, mas sim o seu significado, que pode ser definido, de maneira geral, e como princípio mínimo: palavras iguais ou formas muito parecidas em duas línguas, mas com significados diferentes, por isso, podem provocar equívocos.

Partindo desta definição não exaustiva, mas sendo o sentido mais utilizado no âmbito do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (LE), é fácil reparar que este fenómeno existe em vários espaços linguísticos e com diferentes cruzamentos: *sensible* (francês) ‘sensível’ / *sensible* (inglês) ‘sensato’; *Gift* (alemão) ‘veneno’ / *gift* (inglês) ‘presente’.

Porém, quanto mais se aproxima a tipologia linguística maior é o número dos denominados falsos amigos. De uma óptica exclusivamente comparativa e sem ter em consideração contextos comunicativos reais, seria possível encontrar exemplos para qualquer das possíveis tipologias ou para qualquer fenómeno linguístico em línguas afins. Por isso é tão produtivo para este tipo de estudos o par espanhol-português, português-espanhol.

Consequentemente, para não confundir a comparação linguística com a aprendizagem de línguas, seria possível estabelecer limites ao conceito falso amigo do ponto de vista da didática de PLE para falantes de espanhol?

Não estamos em condições de responder à pergunta de maneira categórica. Porém, constatamos que a extensão e generalização deste princípio pode produzir a sensação de que as línguas próximas, da mesma família linguística e fortemente interconectadas, poderiam ser mais difíceis para a sua aprendizagem do que para um falante de um idioma afastado linguisticamente: aprender português para um russo, chinês ou alemão seria mais fácil do que para um falante de espanhol.

Achamos que esta perspectiva desfocada dá mais valor às divergências, às resistências, às dificuldades, aos erros e às fossilizações, do que à comunicação real. Consequentemente, seria preciso delimitar ou restringir o uso do conceito falso amigo a partir da própria realidade linguística:

5 O leitor interessado nesta questão sobre os diferentes critérios classificatórios pode utilizar como ponto de partida o já referido trabalho de Oliveira Dias (2014), especialmente as pp. 134-144.

6 Na tradição brasileira também se emprega a forma “falso cognato”, termo também utilizado em espanhol, embora com menor presença na literatura linguística.

A. Falemos antes de verdadeiros amigos.

Parafrazeando a professora Isabel Leiria (1998, pp. 11-29) e pela minha experiência profissional com turmas de diferentes origens, de línguas diversas, mas com o espanhol como língua de referência, o princípio pelo qual o português é mais difícil para falantes de espanhol do que para falantes de línguas mais afastadas tipologicamente não se sustém. Geralmente, as análises sobre os falsos amigos excluem o contexto comunicativo e a intercompreensão como prática básica e natural à que recorrem os falantes em situações de contacto linguístico.

Espero que compreendam o meu ponto de vista que é o de quem ensina português a falantes de espanhol, mas também a falantes de árabe, de chinês, de hindi, de russo e de outras línguas bastante afastadas do português. Línguas essas que impõem um sem número de restrições ao processo de aprendizagem do português que se traduz, entre outras coisas, no muito tempo e esforço que precisam de investir os seus falantes nativos até atingirem uma competência mínima em português (Leiria 1998, p. 11).

Portanto, é importante diferenciar entre o trabalho do linguista teórico, o docente de PLE e o próprio falante estrangeiro de português, pois os interesses, as necessidades e as sensações podem ser muito diferentes. Se revisarmos a produção de obras sobre os falsos amigos –recopilações, glosários, vocabulários ou dicionários–, têm, de um ponto de vista didático, uma adaptação muito difícil às dinâmicas das aulas de PLE em contexto comunicativo.

B. Falsos amigos intralinguísticos.

Outra das grandes dificuldades da corrente falsoamiguista é a análise comparativa das línguas como blocos homogéneos. Isto faz com que se exclua a variação diafásica, diastrática e dialectal. Quer dizer, o problema da excessiva extensão do conceito falso amigo pode levar a que palavras com diferente presença –conforme a idade, o estrato social ou o território– possam ser consideradas também falsos amigos.

No caso do português / espanhol a dimensão destas línguas faz com que dentro dos próprios sistemas linguísticos haja –desde a perspectiva falsoamiguista– numerosíssimos falsos amigos intralinguísticos, pela própria variação diatópica da língua:

Tabela 2. Hipotéticos falsos amigos em espanhol: México-Espanha

Espanhol do México	Espanhol de Espanha
antro 'discoteca'	antro 'bar de mala muerte'
camión 'transporte colectivo de personas'	camión 'vehículo de mercancías'
mijo 'hijo'	mijo 'maíz'
tortilla 'pan de maíz'	tortilla 'huevos y patatas'

Mesmo dentro do mesmo espaço latino-americano de língua espanhola, considerada na tradição linguística hispânica como Espanhol de América, registam-se diferenças segundo o país ou área linguística:

Tabela 3. Hipotéticos falsos amigos em espanhol: Argentina-Espanha

Espanhol da Argentina	Espanhol de Espanha
boliche 'bar'	boliche 'bola pequeña'
concha 'vagina'	concha 'cubierta de los moluscos' ⁷
frutilla 'fresa'	frutilla 'diminutivo de fruta'
gallego 'español'	gallego 'habitante de Galicia'

Repare-se que apenas estão a ser procuradas palavras que tenham correspondências palavra a palavra, *não aquelas que não têm equivalente numa outra forma*, p. ex. *aeromoza (azafata)*, *pibe (niño)*, *quilombo (desorden)*, *sobretudo (abrigo)*, etc., para além da combinatória lexical, as expressões idiomáticas, a morfossintaxe, os usos pragmáticos, etc.

No caso do português europeu e o português brasileiro os exemplos, apenas lexicais, permitiriam uma análise do dicionário todo:

⁷ Também no espanhol da argentina a *concha* é o invólucro de certos moluscos, mas o que se ressalta quando os falantes dos dois modelos de língua se cruzam é o valor informal da palavra.

Tabela 4. Hipotéticos falsos amigos em português: Brasil-Portugal

Português do Brasil	Português de Portugal
copa 'troféu'	taça 'troféu'
garoto 'rapaz'	garoto 'café com leite'
malta 'indivíduos de má fama'	malta 'pessoas afins', 'a gente' ⁸
propina 'gratificação extra'	propina 'taxa universitária'
puto 'homossexual'	puto 'menino'

Isto permitiria fazer dicionários de falsos amigos intralinguísticos⁹ ou, na teoria, obrigaria à adaptação dos dicionários de cada uma das línguas às versões dos respetivos padrões linguísticos nacionais. Como refere Correia (2009, p. 111):

A adaptação do Houaiss ao Português Europeu, publicada em Portugal em 2002-2003, deixa muito a desejar e é bem a prova de que a adaptação de dicionários de uma língua ou de uma variedade para outra não faz qualquer sentido. Entre outros aspectos dignos de crítica, poderemos referir que foram mantidas as mesmas [sic] verbetes, por vezes com dimensão significativa, que não são representativas da nossa variedade linguística – *cf.* por exemplo as entradas *fone* e *gol*.

Por vezes, na transferência de acepções de entradas comuns em Português Brasileiro para entradas comuns em Português Europeu, mantêm-se acepções que não se usam na nossa variedade, sem qualquer marca de uso – *cf.* a acepção 3 de *adenda*: «eng. mec. Distância entre o passo circular e o topo do dente de uma engrenagem f. geral menos us.: *adendo*»

Além disso, o Houaiss português vai propor grafias próprias do Brasil para compostos sintagmáticos que em Portugal tradicionalmente se escrevem com hífen, contrariando aquilo que, um ano antes, tinha ficado consignado no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* – *cf.* por exemplo *fim de semana* (que surge como subentrada de *fim*) ou *fogo de artifício* (que surge com subentrada de *fogo*). Esta opção acaba por criar maiores perturbações na grafia destes compostos, que já de si sempre suscitam inúmeras dúvidas aos falantes.

8 Repare-se que no significado de *malta*, no português de Portugal, também se regista o significado de 'escória', 'ralé', 'rancho', 'bando', 'caterva', mas o uso geral é positivo, como pessoas com atividades ou interesses comuns.

9 De facto, existem tentativas com este espírito contrastivo (Villar 1989; Wanke & Filho 1991) e, quer em português ou espanhol, são numerosos os sites que compilam falsos amigos ou formas diferentes em cada um dos espaços linguísticos.

C. Evolução intrassistémica

Qualquer análise sobre os falsos amigos e, por extensão, qualquer análise comparativa tende a apresentar os sistemas comparados como estáveis. Uma leitura mais dinâmica das realidades linguísticas permite conferir que o contato linguístico provoca que o que numa altura podiam ser considerados como falsos amigos intrassistémicos ou intersistémicos, deixem de ser catalogados com essa etiquetagem.

Por exemplo, em Ferreira Montero (2011, p. 348), refere-se *jardineira* como um brasileirismo: ‘peto, modelo de pantalones, falda, bermudas, etc., con tirantes’. Porém, em outros dicionários não é registado como brasileirismo (cf. Iriarte Sanromán 2008) e é palavra comum no vocabulário português referido a essa peça de roupa.¹⁰

O interessante desta incorporação de palavras, expressões, etc. entre variedades diferentes da mesma língua é determinar que variedade é exportadora e qual importadora desses neologismos e quais as razões sociolinguísticas para que isso assim aconteça. No caso do português, sem dados estatísticos, mas com observações objetivas, as possíveis transferências do PB para PE parecem devidas à maior presença dos produtos culturais brasileiros no espaço português.¹¹

Em qualquer caso, para um estudante estrangeiro é absolutamente impossível saber se uma palavra é do padrão brasileiro ou europeu. Do mesmo modo, é absolutamente irrelevante a sua capacidade identificativa, o mais importante é que se possa comunicar segundo os modelos estabelecidos pelos próprios falantes nativos.

10 O caso de *mordida* (‘suborno’) (América) → *Mordida* (‘suborno’) (Espanha) e outros que se poderiam referir, confirmam estas transferências. O interessante seria analisar qual é o modelo que transfere os neologismos e quais as causas.

11 Com toda a prudência, é possível citar alguns exemplos deste fenómeno: *bagunça*, *cachorro* (como sinónimo de cão), *caju* (com o sentido de querido), *fazer cafuné*, *piranha* (como insulto), a expressão *oi!*

Em qualquer caso, é muito difícil determinar qual é a diferença entre um empréstimo de origem brasileira (*ananás*, *mandioca*, *pipoca*, etc.), palavras totalmente integradas no léxico comum português, e palavras ou fenómenos que os falantes possam identificar como interferências do português do Brasil no português de Portugal: extensão do uso de *você*? Uso de *peçoal* em vez de *gente*? Uso geral de *a gente* em substituição de *nós*? etc. Por isso, mais do que tentar recomilar palavras, construções ou expressões, parece mais interessante identificar os fenómenos sociolinguísticos que provocam que o falante como linguista, em sentido coseriano, determine que uma forma brasileira está a substituir (ou não) uma forma portuguesa.

D. Evolução interlinguística dos falsos amigos

Como todo fenómeno linguístico, os falsos amigos não são estáveis e qualquer palavra ou uso semântico – são sempre os falsos amigos mais visuais – podem incorporar-se a esse estágio ou deixar de funcionar como falso amigo.

Alguns exemplos ilustrativos podem ser: *cantera* – o uso do conceito ‘cantera’ no mundo futebolístico –; *empanada* – a presença da palavra e do produto; *provador* – a incorporação de *provador* substituindo os *gabinetes* nas lojas de roupa –; *tapas* – é habitual lermos em restaurantes portugueses a palavra *tapas* e mesmo *restaurante de tapas*.¹²

Como acontecia nos possíveis falsos amigos intersistémicos, o interessante para o (sócio-)linguista nestas evoluções é estudar os mecanismos pelos quais palavras espanholas acabam por estar presentes na língua portuguesa – mais – e outras portuguesas – menos – na espanhola. De facto, apenas consigo nomear *pastel de nata*, que para um espanhol não seria feito de ‘nata’ mas de ‘crema’.

O desequilíbrio nas relações comerciais parece ser um fator fundamental: Zara e todas as marcas do grupo Inditex, El Corte Inglés, Santander, Froiz, Alfaguara e muitas outras empresas internacionais, mas sediadas em Espanha como delegações ibéricas, fazem com que a presença da língua espanhola ou através de traduções parciais, sempre feitas na mesma direção, de espanhol para português, possam deixar pegada.¹³ Este facto não tem nada de novidade, pois atualmente o poder económico e cultural do mundo anglo-saxónico possibilitou que muitas palavras e expressões do inglês façam parte do nosso dia a dia.

E. Homogeneidade vs. Dinamismo

Sem negar as grandes dificuldades em fazer glossários ou dicionários de falsos amigos, a partir de uma perspectiva didática, a apresentação de listas infinitas de palavras para formandos de PLE é confusa e negativa. Aliás, vão contra as dinâmicas modernas de lecionar línguas estrangeiras: a comunicação sobre a estrutura.

É inegável a utilidade destes materiais para a própria formação dos docentes de PLE para FE, mas a sua simples apresentação em sala de aula

12 Repare-se que não se está a fazer referência a processos históricos, mas a evoluções contemporâneas. Para o processo histórico de empréstimos entre espanhol e português, cf. Venâncio (2014).

13 A nível cultural, lembre-se certa polémica que houve com as últimas obras de José Saramago no que diz respeito à numerosa presença de castelhanismos de todo o tipo.

é claramente negativa. Os glossários apresentam uma homogeneidade que contrasta com o dinamismo da comunicação. A maioria dos contextos comunicativos fazem com que as possibilidades de confusão sejam nulas, p. ex. um estudante de espanhol que ouça: “*Vou a Braga*”, nunca irá pensar que vai para uma ‘cueca’.

F. O falso amigo como perigo

Relacionado com o ponto anterior, muitos trabalhos à volta dos falsos amigos anunciam grandíssimos problemas se alguém utilizar um falso amigo.¹⁴ Quando o difícil é atingir um conhecimento que ultrapasse a simples comunicação pontual:

Após vários anos de correcção de textos em espanhol (orais e escritos) produzidos por alunos portugueses, a conclusão a que se chega é que o principal obstáculo para a produção de textos em espanhol por parte de um falante de português reside justamente na capacidade combinatória do léxico e no uso pragmático-contextual que se faz de um vocabulário “quase comum” (Iriarte Sanromán 2001, p. 24).

E continua o professor galego da Universidade do Minho em nota de rodapé:

Não se poderá dizer o mesmo para os falantes de espanhol que querem aprender português uma vez que as características fonéticas e fonológicas do português são também um sério obstáculo para estes alunos. Para entender as dificuldades de aluno espanhol da língua portuguesa basta uma simples comparação dos quadros com os fonemas vocálicos e consonânticos das duas línguas (*ibidem*).

Deste modo, colocar o foco no perigo dos falsos amigos e não potenciar a capacidade comunicativa global pode tirar potencialidade à aprendizagem do PLE-FE. Seria melhor abordar o processo de ensino e aprendizagem para falantes de espanhol como sendo espanhol e português *línguas autónomas que não têm necessariamente as mesmas correspondências*.

Será o falante, no seu percurso académico e pessoal por atingir uma melhor proficiência, quem vai determinar, a partir da sua experiência real e conforme as suas necessidades comunicativas, as formas que podem ser

¹⁴ Estes perigos são muitas vezes ilustrados com imagens que potenciam a ideia de perigo, cf. Bechara & Moure (2002).

perigosas ou confusas e quais não, sem que seja o próprio processo de ensino, aprendizagem e avaliação o que potencie esses equívocos.

3. Tratamento dos falsos amigos na didática de PLE

Como acontece no plano teórico e no plano didático, os desafios que temos os docentes de PLE-FE é paralelo ao dos docentes de espanhol para falantes de português:

Sin que caigamos en la tentación de hacer del vocabulario nuestro caballo de Troya (centrando los esfuerzos en la semántica, llenando su vientre de una mera colección de palabras que nunca estructurará/constituirá por sí sola un idioma), es nuestra intención proporcionar en el presente trabajo unos materiales destinados a salvar algunos de los escollos presentes en la enseñanza/aprendizaje del español a lusohablantes, entendiendo la proximidad tipológica (el volumen de léxico común entre portugués y español ronda el 90%) como algo positivo y aprovechando la interferencia entre la lengua materna y la lengua meta de manera útil y práctica a la hora de elaborar nuestra propuesta didáctica, enfrentando la lengua meta no sólo como un medio de acceso a la literatura sino como vehículo imprescindible de comunicación (oral y/o escrita) (García Calviño & Ferreira Montero 2012, p. 8).

Através das palavras da professora Lourdes Carita (1998, p. 32) é possível constatar que a principal dificuldade na aplicação didática dos denominados falsos amigos é o que a autora denomina “materiais desajustados às necessidades actuais”. Ou seja, o trabalho em sala de aula ou em qualquer outro contexto de ensino e aprendizagem, faz com que neste tema as tarefas se apresentem ou muito fáceis ou muito difíceis, cansativas, repetitivas, pormenorizadas ou descontextualizadas. Por isso, de maneira introdutória, apresentar-se-ão as principais dificuldades com que se debruçam os docentes de PLE-FE.

Glossarismo. O que pode funcionar para linguistas ou tradutores, ou na nossa própria formação como docentes, pode ter difícil adaptação ao contexto das aulas, desde uma perspectiva comunicativa. A apresentação de glossários ou minidicionários faz com que a maioria dos formandos nem reparem no seu conteúdo.

Risco do comparatismo. O comparatismo é uma corrente linguística aplicada à didática das línguas que teve o seu momento de máximo apogeu com os grandes romanistas germânicos interessados pela romanística

(Meyer-Lübke, Meier, Lausberg, etc.), pelo qual as línguas românicas se podiam conhecer a partir da comparação entre o latim e as diferentes evoluções estruturais para cada uma das línguas românicas.

Este conhecimento é um conhecimento da estrutura, logo, não tem uma perspetiva comunicativa. Por isso, mesmo que o comparatismo tenha a sua importância na formação do docente e possa ajudar na sistematicidade de certos fenómenos (*hada – fada; Jorge – Jorge; camino – caminho; puerto – porto; tierra – terra*, etc.), para a maioria dos estudantes de PLE-FE, não familiarizados com as lógicas dos especialistas em filologia, é um enorme esforço e um método desencorajante para os que ‘apenas’ querem aprender português.

O comparatismo e o glossarismo fazem com que, mesmo visualmente, exista uma impressão por parte do estudante da necessidade de marrar listagens de palavras descontextualizadas.

Modelo tradutológico. O docente quer que o formando empregue um par mínimo traduzível, onde A (PT) é B (ES) e vice-versa. Fica excluída a sinonímia, a elipse, a explicação e, sobretudo, apagam-se todos os mecanismos comunicativos através dos quais os falantes, em situação real de comunicação, eliminam ou resolvem qualquer tipo de confusão comunicativa.

Pode ser esta a grande diferença entre o ensino em sala de aula e a docência como preparação para a comunicação. De facto, a explicação com fórmulas do tipo “é uma espécie de” é frequentíssimo em situações comunicativas reais. Embora para tradutores e lexicólogos isto não seja um equivalente, para os docentes sim deve ser útil, especialmente em âmbitos tão habituais, mas tão complexos em que é difícil o modelo tradutológico: refeições, alimentos, bebidas, etc.:

- Bico de pato (pt) → ‘é uma espécie de *media noche*’.
- Rissol (pt) → ‘é uma espécie de *empanadilla pequeña frita*’.
- Húngaro (pt) → ‘é uma espécie de *pasta de té*’.
- Pastel de bacalhau (pt) → ‘é uma espécie de *croqueta*’.
- Torta (pt) → ‘é uma espécie de *brazo de gitano*’.

Seriam precisos estudos e pesquisas em contextos comunicativos reais para tentar estabelecer os mecanismos comunicativos de desambiguação utilizados pelos falantes de espanhol – português.

Ligar apenas palavras. Derivado do glossarismo e do modelo tradutológico, regista-se uma constante procura de palavras que, por diferentes

mecanismos, são idênticas ou parecidas, mas que dificilmente se vão confundir numa situação comunicativa real:

- Broche (prática sexual) (pt) – mamada (es).
- Espanholada (prática sexual) (pt) – cubana (es).
- Fio dental (tipo de tanga) (pt) – [sem correspondência] hilo dental (es) (fio dentário).
- Punheta (prática sexual) (pt) – paja (es).
- Tanga (mentira) (pt) – [sem correspondência] mentira (es).

São escolhidas propositadamente estas palavras, entre muitas outras, para constatar que, para além da anedota, é impossível confundir estas palavras como falsos amigos num contexto comunicativo real.

O efeito cascata. Quando se trabalham materiais sobre os denominados falsos amigos e o léxico em geral em contexto de PLE-FE, uma das situações mais frequentes é o que aqui se denomina efeito cascata. Por exemplo, o docente pretende trabalhar o par *talher-oficina*, mas, se não dominar a situação, rapidamente se produz uma concatenação de perguntas: ¿Y cómo se dice oficina? ¿Oficinista es mecánico? ¿Y cómo se dice oficinista? ¿Y cómo se dice cubierto? ¿Y cómo se dice cobertura? ¿Y cómo se dice escritorio? ¿Y cómo se dice gabinete? ¿Y cómo se dice despacho? ¿Y cómo se dice secretaria? ¿Y cómo se dice negociado? ¿Y cómo se dice oficina de turismo? ¿Y cómo se dice...?

Teatralidade da gravidade. Os diferentes interesses do lexicógrafo, do recompilador de falsos amigos, do tradutor, do docente, não permite determinar qual é a problemática, a gravidade, dos falsos amigos. Para o âmbito da tradução evitar qualquer confusão terminológica é determinante. Para a docência de PLE-FE anunciar gravíssimos problemas ao empregar incorretamente: *ligar, más, pero, tirar, meter, rabo*, etc. é contraproducente.

Tudo é um falso amigo. O outro fenómeno de vulto que se deteta na prática académica de PLE-FE é a extensão do falsoamiguismo por parte dos aprendentes. Quando se alerta constantemente sobre o fenómeno dos falsos amigos, se trabalha com insistência e se alarma com a sua gravidade, deteta-se uma sensação de que qualquer palavra que possamos utilizar pode ser um falso amigo: “*Amigo* será um falso amigo?”; “*Mesa* será um

falso amigo?"; "*Espanhol* será um falso amigo?"; "*Português* será um falso amigo?"¹⁵

4. Conclusões

O objetivo deste artigo não era pôr em causa o conceito de falso amigo, de longa data e tradição, embora seja uma embalagem na qual podem entrar fenómenos muito diferentes, mas sim chamar a atenção sobre o excessivo uso que dele se faz no contexto da didática de PLE-FE.

A promoção da língua portuguesa não pode obviar as dificuldades, mas também não pode apresentar o necessário esforço no processo de aprendizagem como uma constante desconfiança sobre as potencialidades comunicativas.

O que aqui é denominado como corrente falsoamiguista corre o risco de apenas apresentar as diferenças entre espanhol e português, com recurso a glossários ou dicionários de falsos amigos, sem considerar a dinâmica comunicativa do processo de ensino e aprendizagem.

Por outro lado, e já desde um plano exclusivamente comunicativo, ainda estão por realizar trabalhos sobre os denominados falsos amigos em contextos reais de comunicação. Estes estudos deveriam apresentar as verdadeiras confusões de intercompreensão entre falantes de espanhol e português e quais as estratégias que os usuários desenvolvem para eliminar, contornar ou esclarecer os possíveis equívocos. Nessas pesquisas seria preciso determinar se essas estratégias são iguais ou diferentes conforme o contexto sócio-cultural e linguístico, onde se desenvolvem, a função social de cada falante e os objetivos comunicativos.

Assim, os especialistas na docência de PLE para falantes de espanhol poderiam determinar o grau de importância dessas dificuldades em termos comunicacionais. Quer dizer, é preciso introduzir a perspectiva dos falantes, e, ou, dos formandos nas diversas abordagens sobre os falsos amigos.

15 Repare-se que mesmo com estas palavras escolhidas ao acaso, certamente haverá algum contexto no qual poderiam ser interpretadas como um falso amigo.

Referências

- Alonso Rey, R. (2017). El estudio del proceso de enseñanza/aprendizaje en el portugués para hablantes de español: especificidades y influencia de la L1. In P. Osório (Ed.), *Teorias e usos linguísticos: Aplicações ao português língua não materna* (pp. 132-156). Lisboa, Portugal: Lidel.
- Arregui Galán, M. J. & Lourenço da Silva, J. L. (2012). *Português para espanhóis*. Madrid, Espanha: Agoralíngua.
- Bechara, S. F. & Moure, W. G. (2002). *¡Ojo! Con los falsos amigos. Dicionário de falsos cognatos em Espanhol e Português*. São Paulo: Santillana.
- Briones García, A. I. (2006). *Dificultades de la lengua portuguesa para hispanohablantes de nivel avanzado*. Madrid: Autoedición.
- Bugueño Miranda, F. (Org.) (2014). *Novo dicionário de falsos amigos espanhol/português*. Florianópolis: Bookess.
- Carita, L. (1998). Português e Espanhol: 'falsos amigos'. In P. F. Pinto & N. Júdice (Eds.), *Para acabar de vez com Tordesilhas* (pp. 31-40). Lisboa, Portugal: Colibri.
- Carita, L. (1999). *Heterossemânticos-heterossemânticos: «falsos amigos» entre o português e o espanhol*. Lisboa, Portugal: Instituto de Inovação Educacional.
- Carlucci, L. & Díaz Ferrero, A. M. (2007). Falsas equivalencias en la traducción de lenguas afines: Propuesta Taxonómica. *Sendebarr, Revista de Traducción e Interpretación*, 18(1), 159-190.
- Colin, R. (2003). Falsos Amigos Estruturais entre o Português e o Castelhana. *Ianua*, 4(1), 39-48.
- Correia, M. (2009). *Os Dicionários Portugueses*. Lisboa, Portugal: Caminho.
- Dias, A. C. (2010). *Entre Nós 2. Método de português para hispanofalantes*. Lisboa, Portugal: Lidel.
- Dias, A. C. (2012). *Entre Nós 1. Método de português para hispanofalantes*. Lisboa, Portugal: Lidel.
- Dias, S. O. (2014). Falsos amigos português-espanhol: Qual a classificação idónea para a aula de PLE?. *Revista de Estudos Portugueses y Brasileños*, 14(1), 129-157.
- Díaz Ferrero, A. (2013). *Falsos Amigos*. Lisboa, Portugal: Lidel.
- Ferreira Montero, H. J. (2011). *Diccionario de falsos amigos português-espanhol; español-português*. Salamanca, Espanha: Luso-Española de Ediciones.
- García Benito, A. B. (2000). *¿Podemos hablar de "falsos amigos" en fraseología?: algunas consideraciones sobre modismos españoles y portugueses*. In J. M. Carrasco González, M. J. Fernández García & M. L. T. M. Leal (Eds.), *Actas del Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera – 1º Encuentro de Lusitanistas Españoles Tomo II*, (pp. 1067-1129). Cáceres, Espanha: Universidad de Extremadura.

- García Benito, A. B. (2006). *Diccionario de expresiones idiomáticas*. Gabinete de Iniciativas Transfronterizas. Badajoz, Espanha: Regional Extremadura.
- García Calviño, J. M. & Ferreira Montero, H. J. (2012). *Dudas y obstáculos en el aprendizaje de ELE: El léxico*. Brasília, Brasil: Consejería de Educación de la Embajada de España.
- Iriarte Sanromán, A. (2001). *A Unidade Lexicográfica. Palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas*. Braga, Portugal: Universidade do Minho.
- Iriarte Sanromán, A. (Ed.) (2008). *Dicionário de Espanhol-Português*. Porto, Portugal: Porto Editora.
- Leiria, I. (1998). Falemos antes de «verdadeiros amigos». In P. F. Pinto & N. Júdice (Eds.), *Para acabar de vez com Tordesilhas* (pp. 11-29). Lisboa, Portugal: Colibri.
- Machete, R. C. & Vicente, A. L. (2010). *Língua e cultura na política externa portuguesa. O caso dos Estados Unidos da América*. Lisboa, Portugal: Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.
- Marrone, C. S. (2005). *Português/Español: Aspectos comparativos*. Campinas, Brasil: Pontes.
- Reis, A. R. (2015). *Português para espanhóis II*. Madrid, Espanha: Agoralíngua.
- Venâncio, F. (2014). O castelhano como vernáculo do Português. *Limite*, 8(1), 127-146.
- Villar, M. S. (1989). *Dicionário contrastivo luso-brasileiro*: Rio de Janeiro, Brasil: Editora Guanabara.
- Wanke, E. T. & Filho, R. S. (1991). *Dicionário Lusitano-Brasileiro*. Rio de Janeiro, Brasil: Tecnoprint.

[recebido em 21 de setembro de 2018 e aceite para publicação em 09 de dezembro de 2018]